

RELATÓRIO DO 73º. CONGRESSO MUNDIAL DO P.E.N. INTERNACIONAL

4-11 DE Julho de 2007 – Dakar (Senegal)

A palavra, o mundo e os valores humanos

Mestiçagem das culturas. A expressão tão cara a Léopold Sédar Senghor (1906-2001) deveria antes ser lida como um *desideratum*, como o final de um processo que começa por ser uma encruzilhada, um mosaico de línguas e culturas que aceita, democraticamente, um afunilamento linguístico nos três idiomas de trabalho (inglês, francês e castelhano) para a discussão nos trabalhos diurnos, enquanto pode deixar entreouvir a musicalidade das línguas originárias dos textos nos serões literários. É assim um pouco esta dupla face de Janus que a família mundial do P.E.N. Internacional conhece e assume. O eco tutelar de L. S. Senghor, as palavras dirigidas em Março de 1963 ao Colóquio sobre a Literatura Africana de Expressão Francesa, celebrando a jovem nação senegalesa, não perderam a actualidade da sua dimensão de desafio: "Trata-se definitivamente de construir a Civilização do Universal. Mas quem diz construir diz matérias primas. Uma vez que se trata de literatura trata-se do homem. E tratando-se do homem, o Universal não saberia ser universal a não ser colorindo-se de humanidade, enraizando-se no homem. Não o homem das categorias, situado fora do espaço-tempo, mas o homem concreto, vivo, feito de carne e osso, de pensamentos e de paixões". Veremos, contudo, o que necessita da revisão inevitável e inerente ao decorrer da História.

Dakar. Cidade insular, peninsular, finis terrae interminável entre a poeira, o mar e as cores da vegetação, dos tecidos da terra e da musicalidade vital que nos rodeia, mesmo se nos sentimos, nos autocarros que nos transportam em ar condicionado dos nossos hotéis au Méridien Président, onde decorreram os trabalhos (e ficaram hospedados os delegados dos centros com mais posses), como ilhas dentro da ilha – sensação contudo desfeita pela hospitalidade dos colegas do Pen senegalês, que providenciaram uma rede de apoio logístico louvável. Dakar tem um número de habitantes semelhante a Lisboa (cerca de um milhão na cidade, dois na área metropolitana), com uma densidade populacional irregular a olho nu, dos bairros de arquitectura colonial à nova Dakar

passando pelos mercados de rua e habitações térreas onde as comunidades vivem ao rés do solo e parecem passar a noite em permanente convívio (prolongado pelo telemóvel, que se vê na mão de qualquer habitante).

Trabalhos e dias. Cada um dos comités do P.E.N. Internacional (Escritores na Prisão, Escritores pela Paz, Tradução e Direitos Linguísticos e Mulheres Escritoras) teve duas reuniões antes da realização das três mesas-redondas (sobre o papel da literatura africana contemporânea no diálogo intercultural, a literatura e a tradição oral, os escritores e a criação da paz) e da assembleia de delegados. A música era omnipresente, mesmo nas sessões oficiais, com grupos que sublinhavam os discursos com a chora, instrumento de cordas de som mais próximo da harpa do que da viola, e as vozes sonoras de mulheres contando histórias que podíamos reefabular sem entender o significado imediato. Num dos serões, no belo jardim da casa da cultura Doutra Seck, a musicalidade da poesia africana (mas também de outras regiões, nomeadamente de expressão curda e árabe) fez face à conceptualidade da poesia europeia, mas por que não? E não será essa aparente debilidade uma outra força, aliás anulada quando alguém pretende imitar artificialmente uma teluricidade que admiramos mas que é extrínseca à maioria dos europeus? Eis diferentes fios para a *métissage* senghoriana, que poderíamos talvez traduzir por *mestecelagem*.

Ilha de Gorée. Os 85 anos de Boubacar Joseph Ndiaye, que combateu no exército francês durante a 2ª GM e serviu no Extremo-Oriente e é portador de várias



Casa dos Escravos, Ilha de Gorée

condecorações, dão-lhe uma autoridade, quase diria uma majestade, para nos falar, a partir do sopé da escada da Casa dos Escravos na Ilha Gorée (descoberta pelos portugueses em 1444, que lhe chamaram Ilha da Palma), dos séculos desse vergonhoso tráfico que passou das mãos dos portugueses para os holandeses e franceses. No piso térreo, as celas

onde as pessoas eram retidas depois de separadas segundo a idade e o sexo; no andar nobre, a residência dos comerciantes que naquelas épocas tinham uma insensibilidade ao sofrimento humano que lhes permitia habitar por cima de pessoas humilhadas e acorrentadas. Nas traseiras, a porta aberta sobre as rochas, sobre o mar, sobre o ponto

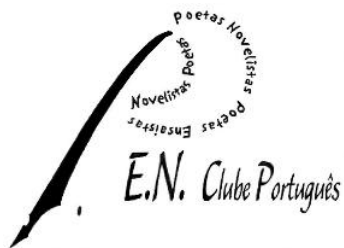


Porta de saída da casa dos escravos para as embarcações

onde atracavam as chalupas que os levavam aos barcos ancorados ao largo, para a diáspora forçada que criou afro-americanos, afro-brasileiros, afro-hispanos. A ilha de Ber (nome senegalês) lembra as não muito distantes ilhas de Cabo Verde, com vegetação colorida entre coqueiros, casas de arquitectura colonial (incluindo uma igreja construída pelos portugueses, hoje posto da polícia), comércio de panos,

esculturas de madeira e bijutarias desafiando a capacidade de regatear, praias de água tépida com enormes aparelhagens de música hip hop por entre uma multidão de jovens. Contam-nos os colegas senegaleses como as famílias incitam os filhos a emigrar, mesmo clandestinamente, mesmo em risco de vida. E compro a brochura de Boubacar Joseph Ndiaye, pedindo-lhe desculpa pelos meu antepassados portugueses, o que ele assinalou com um sorriso e uma amigável dedicatória.

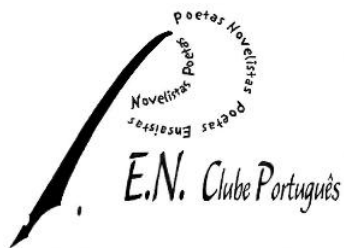
Nós críticos. O P.E.N. Internacional é um mundo de facções e sensibilidades; dos 144 centros actualmente existentes estavam presentes 80. Se faltou desta vez a dramaticidade do confronto israelo-palestiniano (os delegados israelitas estiveram ausentes), foram incisivos os contributos dos delegados do centro do P.E.N. iraquiano (admitido neste Congresso como membro de pleno direito, assim como o centro do P.E.N. jordano), ora com projectos em rede para a criação de *workshops* culturais e artísticos de apoio aos iraquianos, ora com a distribuição e leitura de poemas traduzidos em várias línguas, de que retenho um excerto de Ali Al-Shalah (n. 1965), uma interpelação a Allah traduzida do alemão por Juana e Tobias Burghardt: "Ouve-me,/ rezámos contra ti. Aqui cada voz é uma reza contra ti./ O ulular do vento é uma reza contra ti. (...)/ Por que dormirias, para não ver no teu seio um povo?/ Responde a



qualquer ser, menos a mim.” Também a discussão na assembleia de delegados nem sempre foi pacífica, por exemplo quando esteve em causa votar no sítio de realização do próximo congresso, uma vez que a direcção internacional havia suspenso a intenção de realizar o mesmo em Oaxaca (México), face aos confrontos entre forças da autoridade e a população local ali ocorridos, e remetido a decisão final para o plenário da assembleia. Esta acabou por deliberar, primeiro em voto secreto, que o congresso não deveria realizar-se em tal sítio, tendo sido depois votada em voto aberto a alternativa a cidade de Bogotá (Colômbia) contra Guanajuato (México), onde o centro local já apresentara candidatura há alguns anos. A discussão em torno da liberdade de expressão e do respeito pelos direitos humanos sobrepôs-se à interrogação das condições de segurança para os delegados, cruzamento sensível que deixa entrever outra questão de fundo: até que ponto a acção do P.E.N. Internacional, através da assembleia plenária anual, do trabalho dos seus quatro comités ou de outras iniciativas que tenham a sua chancela, se mantém credível na defesa dos direitos de quem corre riscos se os seus membros não ousarem corrê-los também? Disso é um exemplo a egípcia Ekbal Baraka, ameaçada por criticar, nos jornais e na obra literária, o uso do véu e as tradições paralisadoras da liberdade individual da mulher.

Visões do futuro? As tensões entre a tradição e a modernidade passam pela literatura, sobretudo por uma literatura de tradição oral, musical tão forte como a africana. A investigadora Lyliane Kesteloot, residente no Senegal, alertou numa das mesas-redondas para a dupla ameaça à literatura africana: a crise político-económica na maioria dos países e os ghettos étnicos e linguísticos, considerando ainda problemáticas as novas tendências de assimilação ao “umbilicalismo auto-ficcional” patente na literatura dos países do norte.

Aqui ganhou relevo o trabalho das escritoras africanas, que relataram as suas experiências tanto nas reuniões do Comité das Mulheres Escritoras no âmbito do congresso, tanto na conferência que ocorreu no dia 12, após um serão literário na noite do dia 11, encerrados que estavam os trabalhos do mesmo congresso. Entre uma vontade genuína de salvaguardar a riqueza de tradições ancestrais sem aceitar que elas atentem à dignidade humana, os relatos das colegas africanas pareciam tornar obsoleto o termo “homem” senhoriano, substituindo-o implicitamente por “humano”. Os papéis temáticos lidos nesta conferência a que também chamaria convívio (de cerca de 40 escritoras, com predomínio das africanas) reflectiam sobre o choque de mentalidades e as respostas possíveis, literárias, políticas, sociais. Como sublinhou Rahmatou Seck



Samb, do P.E.N. senegalês, “a nossa particularidade de mulher escritora é de fazer dessa vida que trazemos em nós uma palavra, uma linguagem, um murmúrio”. Os relatos das acções promovidas nos vários países (como os “encontros no rio”, de barco com a escritora e editora Sokhna Benga, com escritores e artistas ao encontro de jovens nos portos fluviais), os ateliers de escrita e conto oral, os programas de tradução de textos e acções nas escolas, em países africanos como o Ghana, o Quénia, a Guiné e a Zâmbia, vieram juntar-se aos esforços empreendidos pelas escritoras africanas residentes em países francófonos e anglófonos, que se empenham em criar maior visibilidade para a literatura dos seus países de origem. Neste ponto, foi lançado um repto ao centro português para dar voz às escritoras lusófonas, ao que tentaremos corresponder com a continuação do projecto *online* “Woman in War” e outros que se seguirão.

Teresa Salema

Vice-Presidente do P.E.N. Clube Português

e delegada oficial

juntamente com Francisco Belard

13.7.2007